

BOLETIM EDUCAÇÃO EM EVIDÊNCIAS

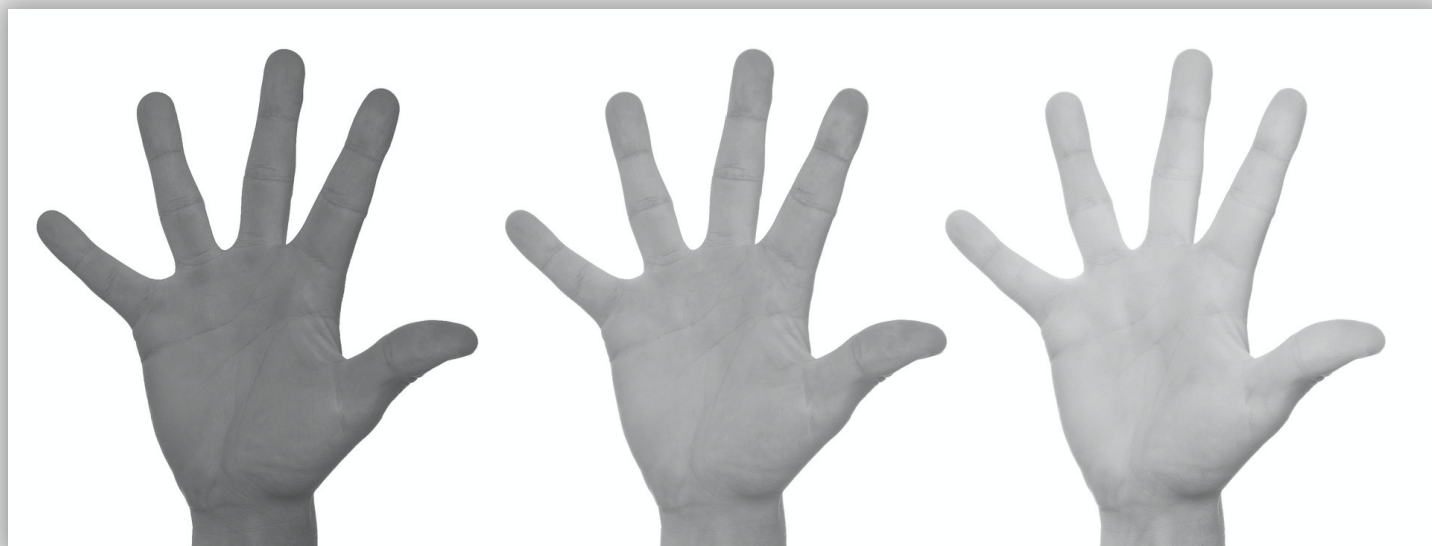


Foto de [TUMISU](#) no Pixabay.

NESTA EDIÇÃO

SEMANA DE AVALIAÇÃO GLOCAL

SEMINÁRIO DIA 11/06:

MAPEAMENTO DE
COMPETÊNCIAS
SOCIOEMOCIONAIS DE
ESTUDANTES - INSTITUTO
AYRTON SENNA

EVIDÊNCIAS EM DEBATE:

ALEXSANDRO SANTOS
APRESENTA PESQUISA SOBRE
RACISMO NA ESCOLA - COMO
AGIR?

O que há de novo

SEMANA DE AVALIAÇÃO GLOCAL

A inspiração para a [Semana de Avaliação gLOCAL](#) vem de duas forças: a promoção e valorização do conhecimento global que impacta as práticas de monitoramento e avaliação (M&A) das políticas públicas locais e a troca de experiências locais que influencia o pensamento global sobre os temas de M&A. Trata-se de uma iniciativa plenamente alinhada à visão da Seduc sobre a importância da gestão baseada em evidências.

Os eventos são virtuais e acontecem em todo o mundo este ano, de 31 de maio a 4 de junho.

Assista o vídeo na página inicial para entender um pouco mais da iniciativa -

<https://youtu.be/MTY5HfX1a7I>

Procure eventos do seu interesse na programação - ainda é tempo!

Agenda dos Seminários



ASSISTA PELO APLICATIVO E NO [YOUTUBE DO CENTRO DE MÍDIAS DE SÃO PAULO - CANAL GESTÃO](#)



DIA 11/06 ÀS 14H

MAPEAMENTO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS DE ESTUDANTES A PARTIR DO INSTRUMENTO SENNA

ANA CARLA CRISPIM E CATARINA SETTE (INSTITUTO AYRTON SENNA)

Ana Carla (esq.) é Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da University of Kent, Reino Unido, com pós-doutorado em modelagem estatística para ciências do comportamento na USP. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Psicologia na Universidade do Vale do Itajaí. Catarina Sette (dir.) é Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade São Francisco e graduada em Psicologia pela mesma instituição.

Ambas são Gerentes de Projetos no Instituto Ayrton Senna (IAS) e integrantes do Laboratório de Ciências para Educação (eduLab21) do IAS. Elas apresentarão a devolutiva da aplicação do Instrumento Senna em Novembro de 2019 na rede de ensino de São Paulo. Os resultados mapeiam as competências socioemocionais nos estudantes, além de quais competências impactam nos resultados de vida avaliados, tais como violência, pertencimento e desempenho escolar.

“

Por que avaliar as competências socioemocionais de estudantes?

O que fazer com base nos resultados?

O que os resultados apontam sob a ótica da BNCC?



Evidências educacionais em debate

EQUIDADE RACIAL NA ESCOLA: CONHECER PARA AGIR

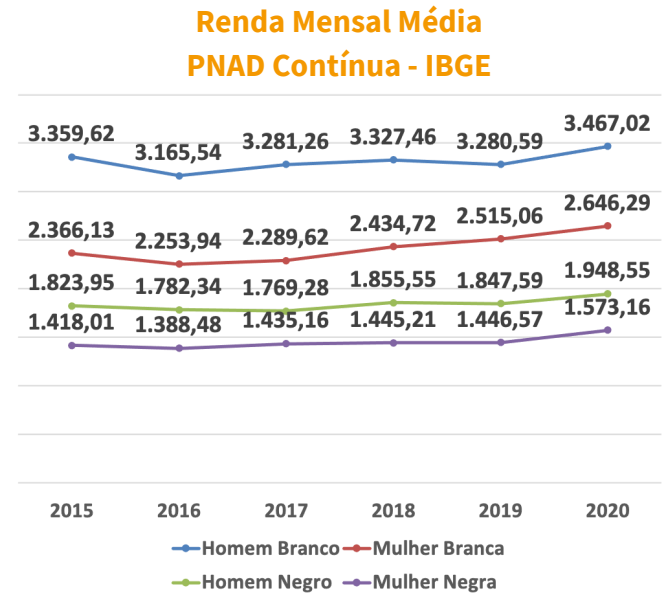
No Seminário do Escritório de Evidências do dia 07 de maio passado, **Alexsandro Santos** apresentou resultados parciais de pesquisa realizada com gestores(as) escolares a respeito do racismo e da equidade racial na escola. Ele é Diretor-Presidente da Escola do Parlamento, professor do programa de pós-graduação em Educação da Unicid e integrante do **CPTe - Centro de Pesquisa Transdisciplinar em Educação**, do Instituto Unibanco. É doutor em Educação pela USP e pesquisador em estágio de pós-doutorado junto ao Núcleo de Estudos da Burocracia da FGV e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da PUC-SP.

Alexsandro iniciou o debate falando do **racismo estrutural** que marca a sociedade brasileira: o racismo não é característica de cada indivíduo, e sim das estruturas sociais: nossa sociedade é racista, e como tal produz / forma indivíduos racistas. O racismo está presente nas relações familiares, na política, no mercado de trabalho, na educação, na saúde... Há inúmeras estatísticas a comprovar essa afirmação. Alexsandro nos traz algumas, a começar com a desigualdade de renda entre brancos e negros.

No gráfico acima à direita, nota-se a enorme diferença de renda média segundo raça e sexo.

O racismo brasileiro se organiza de tal modo que mesmo quando a popula-

ção negra se escolariza muito, ela ainda é impactada por ele.



Fonte: Apresentação de Alexsandro Santos, elaboração própria do autor.

O ganho trazido pela conclusão do mestrado, por exemplo, é quase o dobro para homens brancos que aquele recebido por mulheres negras. Com a conclusão do Ensino Médio, um homem branco consegue postos de trabalho que aumentam em 71,4% sua renda anterior. Já a renda de uma mulher negra aumenta, com a mesma conquista educacional, apenas 28%, como se nota no **quadro abaixo**.

**Ganho salarial por escolarização
PNAD Contínua - IBGE**

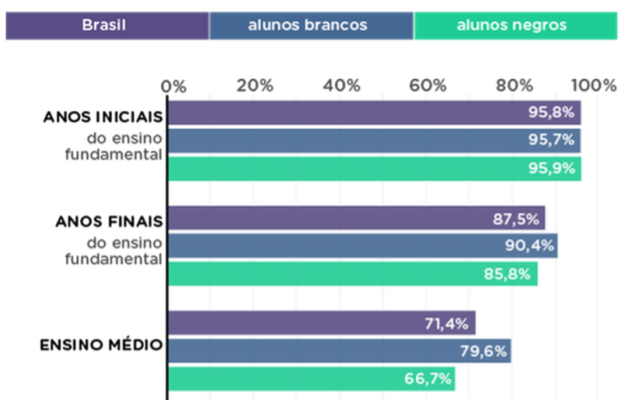
| | Concluir EM | Concluir Graduação | Concluir Especialização | Concluir Mestrado |
|----------------------|-------------|--------------------|-------------------------|-------------------|
| Homem Branco | 71,4% | 384% | 33% | 48% |
| Mulher Branca | 55% | 251% | 27% | 31% |
| Homem Negro | 39,6% | 206% | 21% | 30% |
| Mulher Negra | 28% | 121% | 14% | 26% |

Fonte: Apresentação de Alexsandro Santos, elaboração própria do autor.



Se o racismo atravessa todas as nossas instituições, é óbvio que ele também atravessa a escola, de diversas maneiras – as práticas pedagógicas dos professores, as práticas de gestão escolar, o modo como as secretarias da educação tomam decisões. Além dos efeitos psicológicos e subjetivos do racismo na vida de estudantes e educadores, o racismo na escola transforma as desigualdades raciais externas à escola em desigualdades educacionais, que por sua vez intensificam as desvantagens motivadas por cor/raça, em um círculo vicioso de negação de direitos. O gráfico abaixo, elaborado por Alessandro para artigo publicado no Nexo Jornal, mostra como alunos(as) negros(as) são “expulsos” da escola em maior grau que os(as) brancos(as).

TAXA DE MATRÍCULA LÍQUIDA
AO LONGO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, EM 2019



Fonte: Pnad Contínua de 2019, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

NEXO

Na visão de Alessandro, que é a nossa, a desigualdade é inaceitável quando uma grande parcela da população está abaixo de um patamar mínimo de acesso a direitos. Daí a necessidade de que a sociedade brasileira faça um pacto por maior justiça, pela inclusão de todas as pessoas em um patamar básico de cidadania. Nas palavras do autor,

“Diante de uma sociedade racialmente hierarquizada, o sistema escolar pode reforçar essa desigualdade, pode reproduzir essa desigualdade ou pode mitigá-la, mediante escolhas de política educacional, de gestão escolar e de práticas pedagógicas”.

Alexsandro Santos

A escola sozinha não tem a capacidade de transformar os processos sociais mais amplos, que geram a desigualdade, mas pode, sim, mitigá-la por meio de ações corretivas e voltadas à equidade, à busca do equilíbrio de oportunidades entre brancos e negros, em outras palavras, por meio de ações afirmativas. Tal responsabilidade deve ser compartilhada entre as secretarias de educação, as diretorias de ensino (no caso de São Paulo), equipes gestoras e professores(as). Transcrevendo a apresentação de Alessandro, **a escola precisa:**

- **reconhecer** que entrega o direito à educação de modo desigual, reproduzindo e ampliando diferenças raciais.
- **reorganizar seu funcionamento** de modo a mitigar os efeitos da desigualdade racial extraescolar e impedir que elas se transformem em desigualdades educacionais.
- **promover ações afirmativas** que promovam equidade (ou seja, que entreguem mais para quem precisa mais).

**A LIDERANÇA
DA EQUIPE
GESTORA É
CRUCIAL!**



O foco de pesquisa de Alessandro Santos é a **gestão escolar**, que em sua avaliação conta muito para uma escola acolher e atender melhor ou pior os estudantes negros. A pergunta da pesquisa que Alessandro apresentou é a seguinte: Quais são as **crenças, valores e os conhecimentos** de diretores escolares e coordenadores pedagógicos de escolas de educação básica sobre a existência do **racismo**, sobre suas manifestações na Escola e sobre os caminhos para a **promoção da equidade racial**?

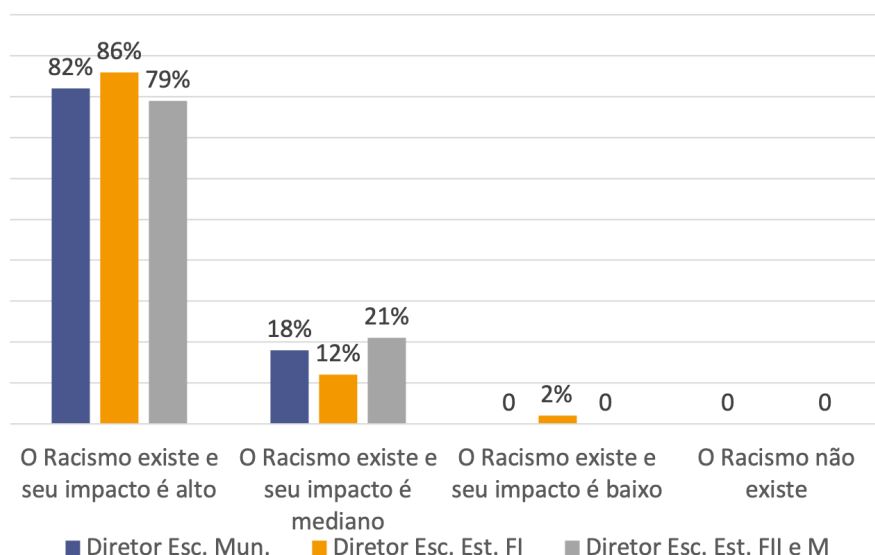
Essa pergunta é fundamental porque, como o próprio pesquisador aponta, estudos mostram que políticas eficazes dependem das crenças, valores e conhecimentos de um conjunto de servidores. A noção de que determinada política é importante e por isso deve ser implementada precisa ser construída em conjunto pelos atores dos sistemas de ensino; de outra forma, muitos não se engajarão, ou mesmo agirão resistindo a ela, e ela não gerará bons resultados.

A equipe da pesquisa entrevistou 463 pessoas das redes municipal e estadual da capital e da Grande São Paulo, por meio de questionário aplicado

presencialmente, entre 240 diretores(as) de escola e 223 Coordenadores(as) Pedagógicos e Professores-Coordenadores (dependendo da rede), em escolas de Ensino Fundamental I e II e de Ensino Médio (com predominância na amostra de escolas municipais de EF I). Trata-se de uma **pesquisa exploratória**, sem ter a intenção de generalizar seus resultados, uma vez que não se trata de uma amostra representativa do ponto de vista estatístico. Ao mesmo tempo, os achados da pesquisa são interessantíssimos, porque provocam a reflexão sobre como nossas concepções impactam nossa prática. Como a pesquisa ainda está em andamento, foram trazidos os resultados da análise das entrevistas com diretores(as) de escola – falta analisar os resultados para professores-coordenadores.

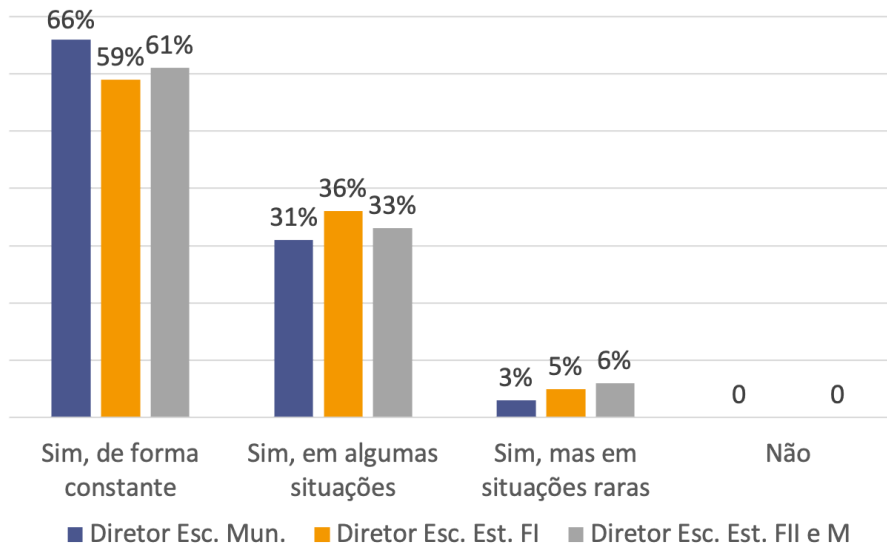
Vejam, na comparação entre os três gráficos abaixo, como as opiniões variam conforme a pergunta seja genérica – falando da sociedade, ou das escolas em geral – ou específica sobre a “sua escola”. É muito mais fácil afirmar a existência do racismo de maneira geral, do que assumir que ele exista na sua própria escola. Mas essa conta não fecha, não é mesmo?

CRENÇAS, VALORES E PERCEPÇÕES (GERAL)

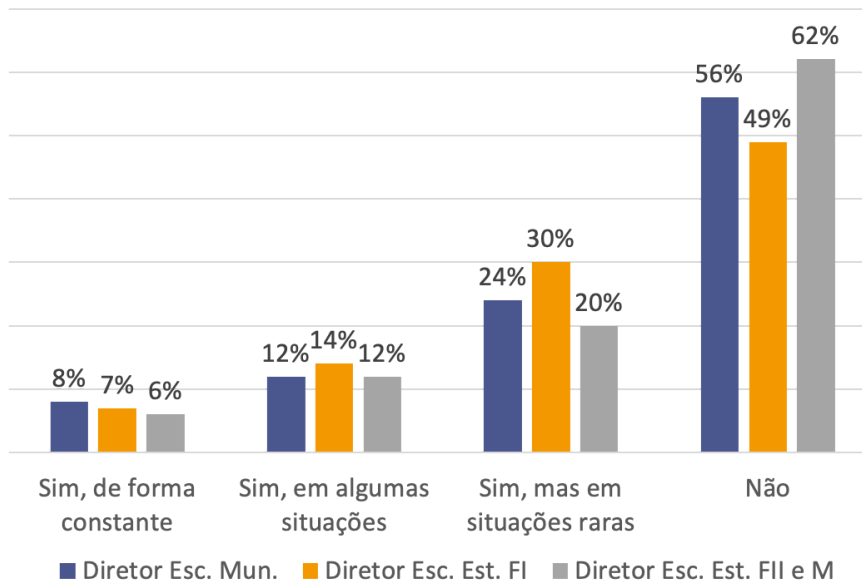




EXISTÊNCIA DO RACISMO NAS ESCOLAS EM GERAL



EXISTÊNCIA DO RACISMO NA ESCOLA EM QUE TRABALHA

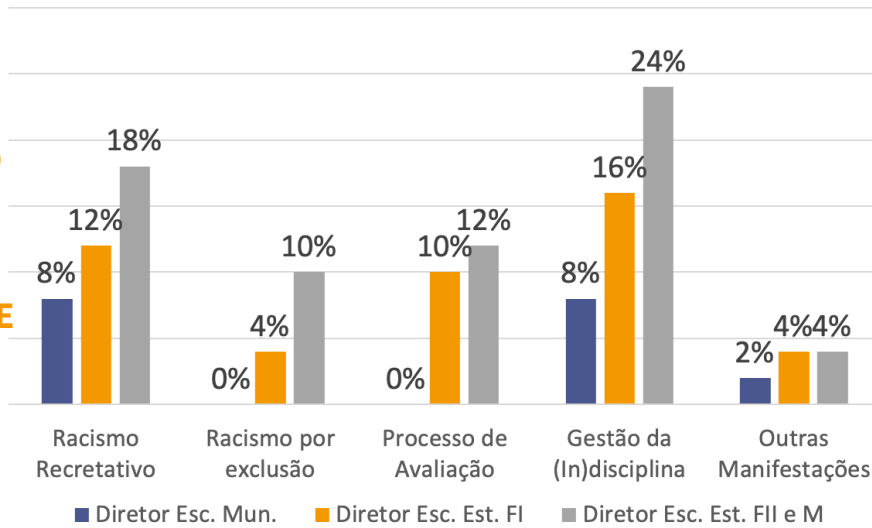


Se a grande maioria dos(as) diretores(as) de escola (em torno de 60%) concordam que manifestações racistas ocorrem de forma constante nas escolas em geral, como é possível que também a maioria responda que na sua escola isso não acontece, ou acontece raramente? Movimento semelhante se verifica quando o tema são as ações afirmativas: elas são consideradas importantes no mercado de trabalho ou na atividade político-partidária, mas quando se pergunta diretamente sobre a escola sua

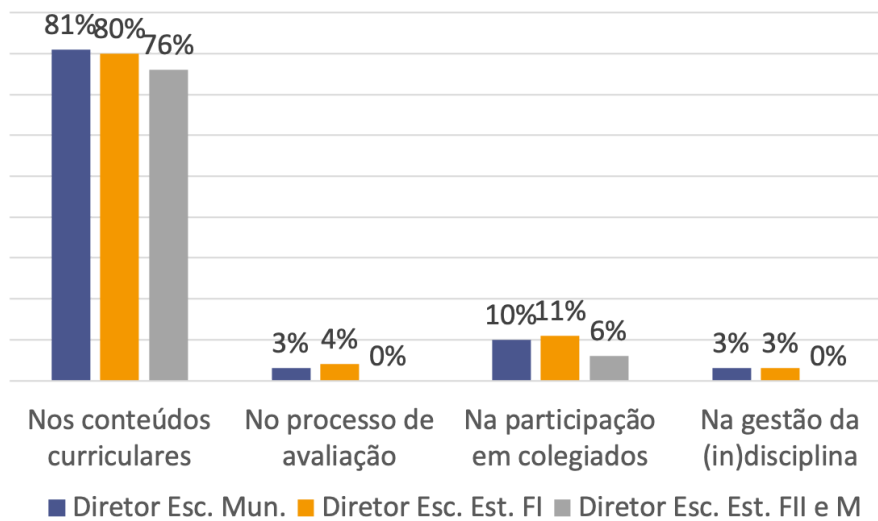
importância perde força. Vejam os gráficos na página seguinte. De maneira geral diretores(as) de escola reconhecem que o racismo nas relações entre professores e alunos se manifesta na gestão da (in)disciplina. Contudo, quando é feita a pergunta sobre a necessidade de ações afirmativas na escola, a maioria entende que o campo em que cabem tais ações é principalmente o do conteúdo curricular. Todos os demais processos – avaliação, participação em colegiados e gestão da disciplina – são “invisibilizados”.



MANIFESTAÇÃO DO RACISMO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NAS ESCOLAS



IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NAS ESCOLAS



Apenas para explicar um pouco a legenda, "racismo recreativo" reúne manifestações como piadas racistas, por exemplo. Há várias outras análises interessantes no material de pesquisa apresentado por Alessandro – recomendamos a consulta em nossa [biblioteca](#) (disponível apenas a servidores).

Em síntese, Alessandro conclui que, ao menos para os diretores(as) de escola, se verificou um **“viés de negação” do racismo**, quando se trata de identificá-lo na escola em que o(a) profissional atua. O pesquisador é enfático em observar que seu interesse não é culpabilizar gestores(as), como se não

quisessem combater o racismo. Ao contrário, seus resultados mostram que há clara percepção do impacto do racismo na aprendizagem, mas é preciso informação e formação para que se reconheçam as manifestações do racismo nas escolas em que atuam e, principalmente, saibam o que fazer para enfrentá-las. Se é verdade que os valores e representações dos agentes da educação podem ajudar ou prejudicar a implementação de ações antirracistas na escola, o primeiro passo é construir, por meio de formação e engajamento, o consenso em torno da validade de políticas antirracistas. Da mesma forma, o compromisso ético em torno do combate ao racismo precisa ser compartilhado entre todos os(as)



agentes do sistema. E, por fim, é preciso conhecimento, de natureza teórica e prática, para implantar as ações na escola. A ambição última de Alessandro Santos é, em suas palavras, “modelar **propostas formativas que incidam sobre essas crenças e valores**, para mobilizar avanços em termos de equidade racial”.

Destacaríamos, do debate que se seguiu, o tema da complexidade envolvida em processos de formação que visem a desconstrução do racismo na escola, algo que implica provocar mudanças profundas nos sujeitos. Para tanto, segundo Alessandro é preciso deixar de lado a ênfase nos conteúdos técnico-pedagógicos e a transmissão

de teorias, e voltar a atenção aos **aspectos éticos e políticos**. Para o pesquisador, tal formação só é bem sucedida se for de longo prazo, e se aproximar da vida cotidiana dos(as) profissionais, da reflexão sobre sua prática, por meio de estudos de caso desenvolvidos na escola, que podem ser reais ou fictícios, para fins de formação.

Para concluir, e recomendar que assistam ao vídeo deste seminário, pedimos licença para parafrasear o belo depoimento pessoal de Alessandro Santos, ele mesmo negro, oriundo da educação pública e educador: é por saber na pele o poder transformador da educação, e a **potência da escola pública**, que ele faz pesquisa; não para reforçar culpas, e sim para catalisar mudanças.

Cartas, recados, e outros...

ESCREVAM PARA EVIDENCIAS@EDUCACAO.SP.GOV.BR

Caros(as) leitores(as),

Lembramos aqui o convite feito desde a primeira edição: quem quiser contribuir com textos para a seção de debate, é só escrever para o Escritório de Evidências. Faremos a leitura para verificar se o texto cabe em nossa "linha editorial": a ideia é sempre discutir uma obra ou estudo de caráter científico (pode ser mais de um), sobre a educação e as políticas públicas educacionais - os temas podem ser os mais variados, desde que o conteúdo contribua para a reflexão sobre como podemos melhorar nossas práticas fazendo uso das evidências disponíveis.

Abraços!

Sigam-nos também no [Instagram!](#)



Clique [aqui](#) para acessar o nosso Canal!